

Oposição caminha para 'divórcio' na disputa de 2002

Há três anos e três meses das eleições gerais, já existem quatro pré-candidaturas no campo das esquerdas, que animadas com o desgaste precoce de FHC, nem mais discutem tese de candidato único

CÉSAR FELÍCIO

BRASÍLIA – A oposição ao presidente Fernando Henrique Cardoso caminha para a divisão nas eleições gerais de 2002. Ainda faltando três anos e três meses para a eleição presidencial, já existem quatro pré-candidaturas no campo das esquerdas: o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-ministro e ex-governador do Ceará Ciro Gomes (PPS), o governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho (PDT), e o governador de Minas Gerais, Itamar Franco, filiado ao PMDB, mas pertencente à ala dissidente do partido e apoiado pelos partidos de oposição no seu Estado.

Animada com a queda acentuada da popularidade do presidente, a oposição não discute mais a proposta, feita há três meses por Ciro Gomes, de se formar um "diálogo nacional" para a escolha de

CERTEZA:
NÃO HAVERÁ
ESPAÇO PARA
TODOS

se o líder pedetista na Câmara, Miro Teixeira (RJ). "Se ele migrar para outro partido, poderá ser apoiado por amplos setores da oposição." Desde o início do ano, o governador mineiro vem sendo insistentemente lembrado como presidenciável pelo presidente nacional do PDT, o ex-governador Leonel Brizola.

Itamar também é visto como um possível futuro quadro do PSB. "O Itamar não deve sair pelo PMDB, mas pode sair pelo PSB ou pelo PDT, em uma coligação dos dois partidos", disse Saturnino. "No momento em que ele trocar de legenda, estará assumindo sua candidatura; nessa hipótese, Itamar e Garotinho disputam a mesma faixa."

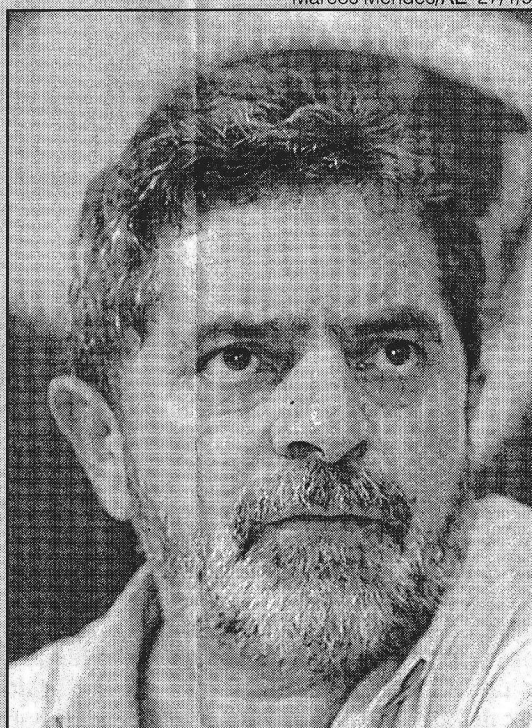
Mesmo não tendo sua candidatura totalmente encampada por seu próprio partido, que corteja Itamar, Garotinho tem a vantagem de ser visto como possível parceiro por todas as correntes de esquerda. É

apoiado pelo PSB no Rio, retomou o diálogo com Brizola e é encarado com simpatia pelo PPS e pelo PT. "Ele tem uma visão moderna e seria bem recebido por nós", disse o presidente nacional do PPS, senador Roberto Freire (PE). "Não haveria nenhum problema em Garotinho disputar a condição de presidenciável dentro do partido com Ciro Gomes."

Convergência – O petista José Eduardo Dutra também admite a possibilidade de o partido preferir Garotinho a Lula. "É possível convergir com Garotinho", afirma. "Mesmo sendo o maior partido da oposição, o PT não precisa indicar o candidato a presidente; o que importa é viabilizar a vitória", argumenta. "De que adianta lançar o Lula e perder de novo?"

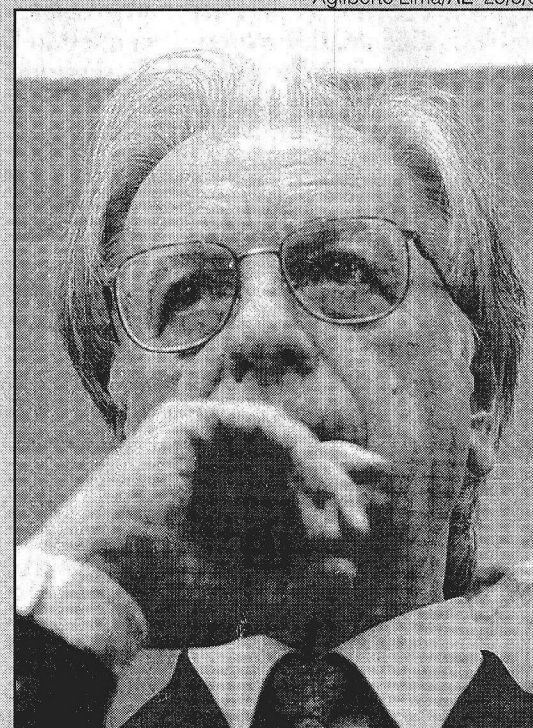
Disputar a reeleição ao governo do Rio em 2002, por enquanto, é uma hipótese descartada pelo governador. "Ele já se reuniu com todos os

Lula: expectativa no PT é de que será difícil partido não ter candidato próprio e mais difícil ainda que não seja ele, pela quarta vez consecutiva



Marcos Mendes/AE-27/1/99

Itamar: avaliação é que dificilmente conseguirá legenda no PMDB para concorrer, mas se migrar para outro partido pode conquistar espaço



Agliberto Lima/AE-25/5/99

Ciro Gomes: ex-ministro da Fazenda e ex-tucano, ainda é visto com desconfiança e cumpre quarentena para obter aval como adversário do atual governo



Agliberto Lima/AE-4/12/97

Garotinho: mesmo sem ter seu nome totalmente encampado pelo PDT, é visto como possível parceiro por todas as correntes de esquerda



Luiz Alvarenga/AE-29/4/98

partidos, inclusive com o PSB, para dizer que quer ser candidato a presidente nas próximas eleições", explica Saturnino. "O raciocínio dele é que haverá lucros políticos mesmo que ele perca." De acordo com o senador, o governador lembra aos seus interlocutores que perdeu as eleições estaduais no Rio em 1994 para Marcello Alencar (PSDB), favorito desde o início para o pleito. Quatro anos depois, contudo, não tinha adversários dentro da esquerda para disputar o governo e derrotou César Maia (PFL).

Pelo menos no caso do Rio de Janeiro, a disputa presidencial poderá afetar a eleição municipal no próximo ano. Se Garotinho cumprir o acordo tácito firmado com o PT no ano passado e apoiar a candidatura da vice-governadora

Benedita da Silva à prefeitura, ele poderá estar colaborando para ajudar o PT, um possível adversário em 2002, a concorrer com chances de vitória em pelo menos três das dez maiores capitais do País: São Paulo, Rio e Porto Alegre. Mas dentro do PDT a manutenção do acerto tem aliados importantes. "Sou inteiramente a favor do cumprimento da palavra empenhada", avisa Miro Teixeira.

Se Garotinho é o que tem o maior trânsito dentro da oposição, Ciro Gomes é o que tem o menor. "É muito mais difícil se aliar com o Ciro", afirma Dutra, comparando-o com o governador fluminense. "Ele está ainda cumprindo uma quarentena na oposição, antes de ser visto como confiável; até o ano passado, ele ainda parecia mais um dis-

sidente do PSDB do que um opositor real de Fernando Henrique."

"O PPS, na minha opinião, está fora do espectro da esquerda", ressalta Miro Teixeira. Para Saturnino, Ciro Gomes tem um problema com o seu passado. "Não dá para esquecer que foi ele, como ministro da Fazenda, que deu partida para a política de alta de juros e eliminou os mecanismos protecionistas de nossa economia", lembra.

Nacionalismo – Otimista, Roberto Freire ainda comemora os bons índices que Ciro Gomes obteve em intenções de voto para a presidência este ano. "Ele obteve 11% dos votos no ano passado e agora já está com 17% nas pesquisas; foi o único que cresceu", analisa o senador, que torce por uma candidatura de Itamar Franco com o apoio do PDT e do PSB. "Se esse eixo se formar, a candidatura do Ciro Gomes pode se fortalecer, e muito, porque aí teríamos

uma coligação baseada na retórica nacionalista, por um lado, e Ciro Gomes representando uma esquerda renovada, pelo outro", avalia o senador pernambucano. "Isso poderia levar a uma aproximação nossa com o PT, disputando a hegemonia dentro da aliança."

Embora tenha indicado que não deseja disputar a Presidência pela quarta vez consecutiva, Lula é visto por todas as correntes como um candidato potencial. "O Lula não tem obsessão por disputar o cargo, mas tem uma penetração no eleitorado com que os outros não contam", afirma Dutra. "Em 1998, partiu dele mesmo a iniciativa de construir candidaturas alternativas, mas acabou-se constatando que ele era o melhor nome."

"Considero remota a possibilidade de o PT, como maior partido da oposição, deixar de ter candidato e mais remota ainda a construção de outro nome no PT que não seja o do Lula", observa Saturnino.

PETISTA
ADMITE QUE
GAROTINHO
PODE UNIR